



PENSAR TEOLOGICAMENTE AS RELIGIÕES A PARTIR DA AUTOCOMPREENSÃO CRISTÃ

THINK THEOLOGICALLY RELIGIONS FROM CHRISTIAN AUTUNDERSTANDING

*Prof. Dr. Sérgio Lopes Gonçalves**

*Prof. Felipe de Moraes Negro***

RESUMO

Objetiva-se neste artigo pensar teologicamente as religiões a partir da autocompreensão cristã, categoria trazida por Andrés Torres Queiruga, docente emérito da Universidade de São Tiago de Compostella. Justifica-se esse objetivo o fato de que a teologia das religiões desenvolvida por Paul Knitter consolidou-se como novo modo de fazer teologia, também levado a cabo por outros teólogos, dentre os quais destacamos uma teologia cristã do pluralismo religioso com Jacques Dupuis e uma teologia inter-religiosa com Claude Geffré, teólogos católicos que consolidaram como modo de produção uma forma de pensar teologicamente as religiões. O mencionado teólogo espanhol também se pôs a pensar as religiões, tomando a revelação de Deus, concebida a partir da “maiêutica histórica”, pela qual é possível conceber a veracidade das religiões desde a clara autocompreensão cristã, a fim de que não se efetive um universalismo indiferenciado e uniforme, concentre-se na cristologia e na soteriologia e se visualize o diálogo e o encontro entre as religiões. Para atingir esse objetivo, haverá um mapeamento da teologia das religiões presente em Paul Knitter, Jacques Dupuis e Claude Geffré, para, em seguida, apresentar como o teólogo espanhol pensa teologicamente as religiões.

*Doutor em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana (Roma, Itália), Pós-doutor em Filosofia pela Universidade de Évora (Évora, Portugal), Pós-doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, Brasil). É docente-pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião e dos cursos de graduação em Filosofia e Teologia da Pontificia Universidade Católica de Campinas (SP).

**Mestrando do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, bacharel em Teologia e em Filosofia pela Pontificia Universidade Católica de Campinas (SP).



Palavras-chave: Teologia; Religiões; Diálogo; Encontro.

ABSTRACT

This article aims to think theologically about religions from Christian self-understanding, a category brought by Andrés Torres Queiruga, professor emeritus of the University of São Tiago de Compostella. This objective is justified by the fact that the theology of religions developed by Paul Knitter was consolidated as a new way of doing theology, also carried out by other theologians, among which we highlight a Christian theology of religious pluralism with Jacques Dupuis and an interreligious theology with Claude Geffré, Catholic theologians who consolidated as a way of production a way of thinking theologically religions. The aforementioned Spanish theologian, since the beginnings of the systematic theology of religions, religions have been thought, taking the revelation of God, conceived from the "historical maieutic", by which it is possible to conceive the veracity of religions from the clear Christian self-understanding, so that an undifferentiated and uniform universalism is not effected, focus on Christology and soteriology and visualize dialogue and encounter between religions. To achieve this goal, there will be the exhibition referring to the theology of religions elaborated by Paul Knitter and its unfolding present in the elaborations of the Belgian theologian and the French theologian mentioned above, and then present how the Spanish theologian thinks theologically the religions.

Keywords: Theology; Religions; Dialogue; Encounter.

1 INTRODUÇÃO

Objetiva-se neste artigo apresentar como as religiões podem ser pensadas teologicamente a partir da autocompreensão cristã, categoria inferida do teólogo Andrés Torres Queiruga. Justifica-se esse objetivo o fato de que o pluralismo religioso é um acontecimento histórico, com efetiva consciência contemporânea, proveniente da esteira do pluralismo cultural e social, que deu sustentação ao próprio pluralismo teológico do século XX. Desse modo, surgiram reflexões teológicas sobre as religiões, principalmente por parte de teólogos cristãos, que refletiram a relação do cristianismo com as religiões, a presença da graça de Deus nas religiões e a contribuição das religiões na fundação de uma política que exprime a presença do Reino de Deus na história.

A sistematização teológica das religiões ganha densidade teológica com a teologia das religiões de Paul Knitter, que desde sua origem esteve articulada com o caráter social e histórico da teologia e que propiciou a entrada de diversos teólogos nessa reflexão, de diferentes maneiras. Em vista disso, vale destacar a teologia cristã do

pluralismo religioso de Jacques Dupuis e a teologia inter-religiosa de Claude Geffré, teólogos católicos, a exemplo de Knitter, que consolidaram um espírito de fazer teologia consoante ao da *theologia mundi* do Concílio Vaticano II, em que a teologia não prescinde da história do mundo em que o ser humano está situado (TEIXEIRA, 1999, p. 593-594).

É em meio ao pluralismo teológico das religiões que se situa a contribuição de Andrés Torres Queiruga, concebida como uma “autocompreensão cristã”, sustentada por uma concepção da revelação de Deus que é conduzida por sua “maiêutica histórica”, evidenciando que não há revelação sem história.

Para atingir o objetivo proposto, expor-se-á um panorama da teologia das religiões, segundo as concepções de Paul Knitter, Jacques Dupuis e Claude Geffré, evidenciando as características de cada forma de fazer teologia das religiões. Em seguida, debruçar-se-á sobre a reflexão teológica acerca das religiões, conforme a categoria “autocompreensão cristã”, formulada por Andrés Torres Queiruga em sua obra *Autocompreensão cristã: diálogo das religiões* (2007) e presente em outras obras suas. Decorre dessa categoria outros elementos importantes para pensar teologicamente as religiões, que evidenciam a veracidade das religiões quando o pluralismo religioso é compreendido a partir da revelação de um Deus, que é amor e que amou por primeiro o ser humano e toda a sua criação. Espera-se contribuir para que o debate teológico das religiões seja fecundo e ainda mais capaz de superar tudo aquilo que impede a efetividade da construção da paz e da fraternidade universal.

2 PANORAMA DA TEOLOGIA DAS RELIGIÕES

2.1 A teologia das religiões de Paul Knitter

A teologia das religiões atual é um modo de produção teológica que emergiu na esteira do Concílio Vaticano II, que, por sua vez, recepcionou as meditações teológicas a respeito da relação do cristianismo com as outras religiões feitas por teólogos como Henri De Lubac e Karl Rahner, e que formulou a sua reflexão e posição teológico-pastoral em quatro documentos: o decreto *Unitatis Redintegratio*, o decreto *Ad Gentes*, a declaração *Nostra Aetatae* e a declaração *Dignitatis Humanae*. Esses documentos tratam respectivamente dos temas do ecumenismo – a unidade dos

cristãos –, a missão da Igreja junto aos diversos povos da terra, a relação do cristianismo com as religiões não cristãs e a liberdade religiosa (GONÇALVES; FAVRETTO, 2018). Não obstante a singularidade do tema de cada documento, um elemento espiritual comum é a universalidade da salvação operada definitiva, completa e perfeitamente em Jesus Cristo e a interpelação à unidade dos cristãos, das religiões e de todo o gênero humano.

O Concílio Vaticano II produziu uma *theologia mundi*, recepcionando a renovação teológica ocorrida na era contemporânea e impulsionou a construção de novos complexos teológicos, que incidem nos contextos e culturas dos povos e em perspectivas diversas, propiciando a emergência de um novo pluralismo teológico (GIBELLINI, 2009, p. 5-24).

No clima do novo pluralismo teológico, situa-se a teologia das religiões (GEFFRÉ, 2009, p. 319-336), que tem no teólogo norte-americano Paul Knitter um de seus principais colaboradores, cujo complexo teórico se efetivou em três fases. Na primeira fase, a sua obra fundamental é *Non Other Name?* (1985), em que realça o teocentrismo como elemento fundamental para pensar teologicamente as religiões e o diálogo inter-religioso. Na segunda etapa, em que se destaca um artigo escrito na revista *Concilium*, intitulado “La teología de las religiones en el pensamiento católico”, culminando no livro *The Myth of Christian Uniqueness* (1987), em que o autor articula a perspectiva dos pobres com as religiões, aplicando o método da teologia da libertação ao modelo pluralista, realizando então uma teologia de método indutivo, de caráter histórico e de práxis social. A terceira etapa se inicia com a obra *One Earth Many Religions* (1995), em que incorpora teologicamente a “crise ecológica” com o sofrimento humano, evocando as religiões a assumirem a responsabilidade global com a justiça e o bem-estar ecológico. O ápice dessa etapa está em sua obra *Introducing theologies of religions*, publicada em 2002 (2008), na qual reconhece a normatividade universal de Jesus, em sua condição de normatividade relacional, que implica a relação da soteriologia cristã com as outras religiões.

Em sua elaboração teológica, prioritariamente de método indutivo, Paul Knitter desenvolveu a alteridade como elemento a ter incidência na realidade histórico-social e religiosa, de modo a articular diálogo inter-religioso e perspectiva das vítimas, pluralismo religioso e pluralidade de pobres, respeito à liberdade religiosa do “outro” e

compaixão com o sofrimento do “outro”, vivência mística da fé e demandas proféticas, transcendência e finitude, cósmico e metacósmico, cultivo da sabedoria e prática do amor, necessidade da interculturalidade e urgência da libertação, harmonia e diferença.

A conjugação dessas realidades duais é pensada à luz da centralidade da soteriologia, de modo a articular, na teologia das religiões, a salvação cristã com a práxis de justiça, de libertação, de convivência comunitária dos povos, do respeito e da proximidade das religiões, da construção de uma cultura de paz e de vitalidade ecológica. Efetiva-se um soteriocentrismo que, na maturidade de sua teologia, serve de fio condutor para analisar os modelos de relação do cristianismo com outras religiões – “substituição”, “complementação”, “mutualidade” e “aceitação” –, em que aponta as potencialidades e os limites de cada modelo.

Não obstante que a leitura possa trazer a preferência pelo modelo de “mutualidade”, o autor assume o caminho de apontar como cada modelo fornece a sua contribuição para pensar teologicamente as religiões. Resulta, assim, que esse pensador desemboque em uma exortação ao diálogo inter-cristão e à cooperação inter-religiosa, isenta de proselitismos e de fundamentalismos, e imbuída de um espírito de práxis efetivamente comunicativa, de realização de uma ética que permeie o diálogo, que impulse ações favoráveis à compaixão, à solidariedade, à justiça e à paz planetária.

A teologia das religiões de Paul Knitter foi gradativamente recepcionada, de modo a desenvolver outras formas teológicas de pensar a religião, de conotação cristológica – próxima ao soteriocentrismo do autor supracitado – a despeito de formulações teocêntricas que assumiram o pluralismo de princípio (HICK, 2005). Com singularidade própria, a vertente cristológica encontra, em Jacques Dupuis e em Claude Geffré, duas formas de fazer teologia das religiões que se centram em Cristo e acolhem as tradições religiosas diversas.

2.2 A teologia das religiões com centralidade cristológico-soteriológica: Jacques Dupuis

Jacques Dupuis trabalhou na Índia por cerca de trinta anos, efetuando uma rica experiência de encontro entre a fé cristã e as tradições hinduístas e budistas, assaz

presentes naquele país. Ao atuar na Pontificia Università Gregoriana a partir de 1984, como docente de cristologia, o teólogo belga uniu a sistemática teológica e a sua experiência religiosa realizada na Índia, vindo a formular uma teologia das religiões com centralidade cristológica em sua obra *Gesù Cristo incontro alle religioni* (1989). Nessa obra, o autor compreende a necessidade de afirmar a fé em Jesus Cristo, que é o centro da fé cristã, no encontro do cristianismo com o hinduísmo. Não obstante a pressuposição de uso da fenomenologia e das ciências humanas para analisar o hinduísmo, o ponto forte do autor é teológico, pois sua pretensão é mostrar Jesus Cristo como evento salvífico universal, sem que, com isso, venha a impor uma forma histórica de Cristo e a menosprezar as formas religiosas do hinduísmo (DUPUIS, 1989, p. 5-20).

Ao preocupar-se em efetivar uma teologia cristã capaz de pensar o pluralismo religioso, o autor concedeu valor à análise da religião pelas vias das ciências humanas e da fenomenologia da religião, pretendendo trazer à tona o exercício teológico em pensar as religiões no contexto contemporâneo. Servindo-se das mediações da filosofia fenomenológica e das ciências humanas, o teólogo belga se fundamenta na fé revelada e afirma Jesus Cristo como evento salvífico universal, cuja presença há de ser concebida no bojo do pluralismo religioso. Ao realizar o diálogo da fé cristã com o hinduísmo, o autor visualizou densamente alguns conceitos correspondentes a Deus e à sua manifestação pessoal no mundo, os quais, apesar das relevantes diferenças, assemelham-se surpreendentemente ao que constitui a essência e o centro do dogma cristão. Dupuis identificou os conceitos de *trimūrti* e *saccidānanda* – Deus como ser, pensamento e beatitude – semelhantes à Trindade revelada em Jesus Cristo, e o conceito de *avatāra* – descida e manifestação – que é próximo ao conceito cristão de encarnação. Por isso, ao afirmar a sua teologia cristológica das religiões, Jacques Dupuis desenvolve o conceito de Jesus Cristo “*sans attaché*” – desprendido –, articula Cristo e tradição hindu de *yoga*, realça a experiência mística hindu-cristã vivida na prática monacal de Dom Henri Le Saux, cujo testemunho evoca a unidade e o diálogo inter-religioso presente na simplicidade, na caridade e na construção da paz (DUPUIS, 1989, p. 23-149). Em seguida, desenvolve a unicidade e a universalidade de Cristo, mediante a apresentação das alianças de Deus com os povos concebidas na perspectiva histórico-salvífica, a reflexão sobre a salvação e a revelação de Cristo e

sua relação com as outras religiões, e aponta como pode ser efetivo o diálogo inter-religioso (DUPUIS, 1989, p. 153-325).

O amadurecimento de seu trabalho levou Jacques Dupuis a elaborar a obra *Verso uma teologia cristiana del pluralismo religioso* (1997), de modo a articular a cristologia com a trindade e com a pneumatologia, aprofundando a soteriologia ao utilizar-se da categoria Reino de Deus – que é uma categoria apocalíptica denotativa da soberania e do senhorio de Deus na história e no universo – para ampliar a proximidade com as religiões. Para isso, realizou uma leitura sistemática, efetivando o movimento do *auditus fidei* e sua articulação com o *intellectus fidei*, examinando a Escritura e a Tradição em uma hermenêutica de perspectiva inclusivista aberta, de modo a apresentar expositiva e analiticamente a revelação do mistério trinitário de Deus, pela mediação de Cristo e ação do Espírito ao longo da história humana e na história das religiões (DUPUIS, 1997, p. 45-240). O autor realça a figura de Cristo em sua condição de *logos incarnatus* e também de *spermatikós*, ou ainda do “Cristo desconhecido”, do “Verbo preexistente” que agiu como mediador de toda a criação ou também das “mediações derivadas” do mediador da salvação por excelência valorizando a história humana e a de todo o universo (DUPUIS, 1997, p. 241-284). Por fim, torna-se possível visualizar as diversas alianças que Deus realizou com a humanidade, todas concentradas na única aliança selada em Cristo, que por sua vez é a Palavra viva, criadora, redentora e salvífica de Deus destinada a todos os seres humanos. O cristocentrismo desenvolvido pelo autor é trinitário e pneumatológico, possibilitando o diálogo inter-religioso tanto com as religiões monoteístas quanto com as religiões brâmanes e outras religiões, mas remete também à centralidade do Reino de Deus, denotativo do caráter universal da salvação de Deus efetivada em Jesus Cristo (DUPUIS, 1997, p. 285-516).

Após três anos dessa obra e após receber três artigos denotativos de reação à sua obra ou propriamente à sua teologia cristã do pluralismo religioso, Dupuis escreveu *Il cristianesimo e le religioni. Dallo scontro all'incontro* no ano de 2000 (2004), pouco antes de serem publicados dois documentos importantes da Congregação para a Doutrina da Fé: a Declaração *Doninus Iesus. Sull'unicità e universalità salvifica di Cristo e dela Chiesa* (2000) e a *Notificação sobre o livro Verso uma teologia cristianina del pluralismo religioso di Jacques Dupuis* (2000). No entanto, não houve prejuízo no

seu desenvolvimento teológico, pois sua preocupação principal era clarear e evidenciar elementos fundamentais para efetivar uma “cristologia trinitária e pneumatológica” ou uma “teologia cristã do pluralismo religioso”, marcada por um método de simultaneidade entre indução e dedução na meditação teológica.

Teologicamente reconhecia-se o valor das religiões, a manifestação de Deus na história dos povos dessas religiões e, por conseguinte, a relação com o mistério da salvação em Jesus Cristo. Essa relação propicia que o diálogo inter-religioso seja não apenas uma exigência ética, mas também uma forma de reciprocidade oriunda da própria gratuidade do mistério amoroso de Deus presente na história humana e em toda a criação. Por isso, o diálogo inter-religioso constitui-se em ato primeiro para, então, realizar o ato segundo, que é a teologia das religiões, cujo método obedece a lógica da tradição teológica, incluindo a perspectiva hermenêutica – assaz presente nas formulações teológicas contemporâneas (GONÇALVES, 2010, p. 13-56) –, pela qual se efetiva o círculo hermenêutico, composto pelo texto ou dado da fé – oriundo do *auditus fidei* –, o contexto histórico concreto e o intérprete hodierno, ou propriamente pela memória cristã, realidade cultural circunstante e a Igreja local, por quem a fé explicita e desenvolve a sua inteligência. A teologia das religiões é, dessa forma, “um novo modo de fazer teologia num contexto inter-religioso, um novo método para fazer teologia numa situação de pluralismo religioso” (DUPUIS, 2000, p. 29).

2.3 Teologia inter-religiosa: Claude Geffré

Outro autor importante que produz teologia das religiões é Claude Geffré (1926-2019), teólogo dominicano, que teve formação filosófica e teológica nas Faculdades Dominicanas de Saulchoir (Bélgica) e na Pontificia Università Santo Tommaso em Roma (Itália), para então desenvolver a sua obra teológica como docente e pesquisador nas supracitadas Faculdades Dominicanas, no *Institut Catholique* de Paris e na *École Biblique* de Jerusalém. Esse teólogo foi um dos grandes responsáveis por efetivar a aplicação da hermenêutica filosófica em teologia, especialmente em sua obra *Le christianisme au risque de l'interprétation* (1983), seja para compreender e interpretar a Escritura e a Tradição – especialmente os dogmas eclesiais – visando superar o fundamentalismo e o dogmatismo, seja para promover o diálogo inter-religioso entre as tradições religiosas monoteístas. Nesse sentido, assumiu a

hermenêutica como empreendimento teológico de apropriação dos textos bíblicos e da tradição, para colocá-los em relação com a história humana, mediante um processo de compreensão e interpretação, tendo em vista encontrar o sentido dos textos para quem o lê na contemporaneidade. Esse empreendimento teológico realizado mediante o uso da hermenêutica, Claude Geffré o sistematizou em sua obra *Croire et interpréter* (2001), em que apresentou a teologia como hermenêutica, conceituou a hermenêutica circular aplicada à Escritura e à Tradição (GEFFRÉ, 2004, p. 29-82) e entrou em cinco temas relevantes e pertinentes à teologia contemporânea: o neofundamentalismo na Igreja (GEFFRÉ, 2004, p. 83-130), o pluralismo religioso como paradigma teológico (GEFFRÉ, 2004, p. 131-154), a salvação em Jesus Cristo e a missão da Igreja (GEFFRÉ, 2004, p. 155-182) – considerando esse tema como um dos núcleos fundamentais da teologia cristã –, a releitura teológica do judaísmo (GEFFRÉ, 2004, p. 183-212) e a questão da filiação divina de Jesus e sua relação com o monoteísmo muçulmano (GEFFRÉ, 2004, p. 213-229).

Verifica-se que esses temas explicitam um modo de fazer teologia das religiões que o próprio autor denominou “teologia inter-religiosa” em sua obra *De Babel à Pentecôte. Essais de Théologie interreligieuses* publicada em 2012 (2013), que é fruto de um longo trabalho realizado mediante a publicação de diversos textos e a realização de conferências teológicas sobre as religiões e sua relação com o cristianismo. E aqui se situa o núcleo central da obra: produzir uma teologia inter-religiosa, de núcleo cristológico-soteriológico relacional, salvaguardando o *locus* confessional de que parte o autor e sua capacidade de dialogar reflexivamente com outras tradições religiosas (GEFFRÉ, 2013, p. 5-10). Por isso, a sua obra se divide em três partes denotativas da centralidade da cristologia de uma teologia inter-religiosa, do conceito e desenvolvimento dessa teologia e da missão da Igreja realizada na perspectiva inter-religiosa.

A primeira parte se intitula “Não há outro nome”, e o autor apresenta o encontro das religiões como “sinal dos tempos” – categoria clarificada por Marie Dominique Chenu e que correspondia aos modos de Deus manifestar-se na história –, expõe a responsabilidade da teologia cristã no contexto do pluralismo religioso, mostra a emergência da teologia das religiões depois de quarenta anos da declaração *Nostra Aetate*, aponta o lugar das religiões no plano da salvação de Deus, conceitua o

ecumenismo inter-religioso à luz de Paul Tillich, examinando detalhadamente a obra *Teologia Sistemática* (1984), e apresenta o paradoxo cristológico da divindade e da humanidade de Jesus Cristo, que fundamenta um pluralismo inclusivo das religiões como hermenêutica do diálogo inter-religioso (GEFFRÉ, 2013, p. 11-144).

A segunda parte é intitulada “Por uma teologia inter-religiosa” e explicita epistemologicamente a contribuição do método comparativo da história e da fenomenologia das religiões para efetivar a teologia das religiões. Em seguida, o autor desenvolve o tema dos três monoteísmos – Judaísmo, Cristianismo e Islamismo –, analisando a relação entre Escritura e Palavra de Deus, as heranças desses monoteísmos e a sua incidência na Europa, a importância do diálogo teológico entre islamismo e cristianismo e o modo como essas tradições religiosas se defrontam com a modernidade. Também nessa segunda parte, Geffré teologiza sobre a salvação pensada no plural, mediante a afirmação da centralidade salvífica de Cristo e do Reino de Deus e os caminhos históricos pelos quais a salvação se realiza. Ao final, faz uma análise teológica acerca da busca de Deus nas correntes esotéricas contemporâneas, tão próprias do que é denominada de cultura pós-moderna (GEFFRÉ, 2013, p. 145-298).

A terceira parte leva o título de “Missão e Inculturação”, pois o autor entende que não poderia terminar a obra sem abordar a missão da Igreja, concebida teologicamente como “sacramento de salvação universal”, evidenciando que a Igreja é sinal da salvação cristã que está constituída de caráter universal. Por isso, o autor mostra a missão como “diálogo de salvação” (GEFFRÉ, 2013, p. 299), o significado da vocação universal da Igreja, a posição do cristianismo em face à pluralidade das culturas, realçando o significado da convivência na sociedade entre pessoas cristãs, outras pessoas religiosas e pessoas seculares, realçando o sentido da laicidade como espaço para a presença das religiões, inclusive convivendo com a ciência e a política (GEFFRÉ, 299-384). Para concluir a obra, o autor expõe o futuro das religiões situando-as no fundamentalismo – que é intolerante e excludente – e a verdade religiosa que emerge da efetividade da liberdade religiosa que realça a dignidade humana, passando da mera tolerância para o diálogo e afirmando uma hermenêutica da revelação que aperfeiçoe as expressões da verdade, pratique a partilha da verdade, levando a cabo a alteridade religiosa. Esse futuro está situado também no

modo como as religiões se inter-relacionam umas com as outras em relação à modernidade antropocêntrica e cientificista, não para confrontá-la e destruí-la, mas para dialogar com essa modernidade, aprofundando a laicidade como espaço de convivência da pluralidade de religiões e culturas, e para apresentar o diálogo inter-religioso como espaço de construção de uma consciência ecológica que possibilita buscar e salvaguardar os direitos humanos e os direitos da terra à vida em abundância (GEFFRÉ, 2013, p. 385-400).

3 AS RELIGIÕES CONCEBIDAS A PARTIR DA AUTOCOMPREENSÃO CRISTÃ

3.1 Olhar as religiões a partir da autocompreensão cristã

O teólogo espanhol Andrés Torres Queiruga desenvolveu o seu pensamento entre a filosofia da religião e a teologia fundamental, tendo como eixo central a revelação de Deus, pensada principalmente a partir da religião, compreendida desde as diversas experiências religiosas. Por isso, a sua entrada no tema do pluralismo religioso remete-o a desenvolver o diálogo inter-religioso a partir da experiência que os seres humanos realizam da revelação de Deus (TORRES QUEIRUGA, 1997, p. 9-16).

Ao desenvolver a revelação de Deus, Torres Queiruga assumiu duas grandes viradas epistemológicas na teologia do século XX: a antropológica e a hermenêutica (GONÇALVES, 2019, p. 220-222). Desse modo, assumiu a máxima rahneriana de que se faz teologia em articulação com a antropologia, com fundamentação na filosofia transcendental, já que Deus se revela como o mistério santo e inefável que se autocomunica com o ser humano – concebido como “ouvinte da palavra”, constituído do transcendental – *a priori* infinito presente no ser humano –, interpelando-o à relação de amor. A virada hermenêutica ocorre na teologia mediante o movimento que se origina na fenomenologia ontológica hermenêutica de Heidegger, ganha impulso na sistematização feita por Gadamer, ao tornar a ontologia hermenêutica como estética e histórica, e se concretiza também no projeto construído por Paul Ricoeur, em tornar a hermenêutica tripartida em textual, simbólica e ética. A hermenêutica filosófica foi apropriada por teólogos que, nas diversas formulações teológicas – teologia hermenêutica, teologia kerygmática, teologias da história, teologia da experiência, teologia da libertação, teologia feminista, teologia negra, teologia em perspectiva de

gênero e teologia das religiões – apontaram a possibilidade tornar a teologia cada vez mais contemporânea de cada época histórica.

Com o espírito de produzir uma teologia efetivamente contemporânea e incisiva nas questões atuais da humanidade, Torres Queiruga se põe a pensar teologicamente as religiões, situadas no clima de pluralismo tão próprio da época atual da história. No entanto, para honrar as viradas antropológica e hermenêutica em teologia, o seu ponto referencial é a revelação de Deus, revisitada pelo autor e concebida a partir do que denominou de “maiêutica histórica” (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 105). Nesse sentido, a revelação de Deus, por mais que seja o desvelamento de Deus, mistério *absconditus et revelatus*, não se isenta de historicidade nem de participação do ser humano em sua manifestação. Por isso, o teólogo espanhol articula antropologia e hermenêutica para visitar compreensivamente a revelação em termos bíblicos, dogmáticos e teológicos, de modo a assumir a plenitude da revelação em Jesus Cristo sem arbitrariedades linguísticas, mas com espírito de diálogo com a história, que serve como parteira, que traz à tona a própria revelação divina (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 397-444).

Com esse olhar da “maiêutica histórica” – constituída a partir da apropriação da antropologia e da hermenêutica – para compreender a revelação de Deus, Torres Queiruga analisa as religiões teologicamente, levantando algumas perguntas pertinentes: como as religiões podem contribuir para que os seres humanos possam perceber a Deus, em meio a tantos estímulos que o mundo oferece? Quem está em condições de captar a presença do Transcendente na história? Qual religião está apta a revelar Deus?

Para responder a essas perguntas, Torres Queiruga se situa como teólogo cristão e, rememorando a hermenêutica ricoeuriana (RICOEUR, 1997) que relaciona o si-mesmo com o outro, parte da concepção de autocompreensão cristã para compreender teologicamente as religiões em sua realidade plural e em seu potencial de diálogo inter-religioso. O autor considera o tema delicado e complexo, por se tratar da delicada tessitura do mistério e de suas implicações transcendentais. Sua justificativa denota sua situação hermenêutica, a de ser teólogo cristão, espanhol, que se coloca na relação com as outras religiões, partindo de si-mesmo e sabendo que alteridade implica sentir o apelo do outro para que este concebido em sua condição

de outro. Por isso, é importante ter atenção à insuficiência da linguagem, que, por ser denotativa de mundo, relaciona-se com outros mundos e, por conseguinte, necessita possuir caráter historicamente contemporâneo. Nesse sentido, por mais que uma linguagem teológica explique o mistério divino e a sua revelação em Jesus Cristo, sua suficiência será histórica e, em função do dinamismo da história, necessita de mudanças e aperfeiçoamentos ao longo da própria história. Por isso, Torres Queiruga é consciente de que pensar teologicamente as religiões exige consciência do seu próprio limite enquanto teólogo cristão, o que lhe permite desenvolver a ideia da autocompreensão cristã, visando pensar uma compreensão mais universal da percepção do amor de Deus, destinado a todos, sem que seja arbitrário, mas fruto de um processo efetivamente hermenêutico, que decorre do encontro entre religiões marcadas pela respectiva alteridade. Daí a sugestão de Torres Queiruga em utilizar não apenas a palavra “diálogo”, mas também a palavra “encontro”, por se tratar de uma palavra que “sugere muito mais um sair de si, unindo-se ao outro para ir em busca daquilo que está diante de todos” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 154).

Para o autor, em algumas posições, dependendo de onde o interlocutor está situado, as propostas podem ser assimiladas positivamente de diferentes formas, a depender da cosmovisão dos interlocutores. A uns, certamente, as propostas de diálogo podem parecer ousadas demais e a outros muito tímidas. Em todo caso, prevalece sempre o convite para que todos permaneçam de mãos estendidas ao diálogo e que tenham ânimo para uma práxis renovadora. É uma abertura que se origina no princípio de que “todas as religiões são – a seu modo e em sua específica medida – verdadeiras” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 73). É concentrando-se na “autocompreensão cristã” que se compreende a existência de “uma radical e fraterna comunidade formada por todas as religiões e, como resposta ao amor universal de Deus, sem eleições e nem privilégios da parte d’Ele, todas devem buscar a máxima comunhão possível” (NOBRE, p. 340).

Para Torres Queiruga é na partilha solidária e respeitosa do Mistério que as religiões contribuirão para a genuína percepção de revelação e o sadio relacionamento entre os seres criados por amor. Pois a partilha do que cada religião tem de melhor, efetivada mediante diálogo e encontro repletos de respeito e disposição a dar e receber, é o que torna possível que ocorra a aproximação da inesgotável riqueza do

Mistério. Por sua vez, o Mistério é o único ponto verdadeiro que se descentraliza na justa medida em que o acolhem. Na comunhão que brota do Mistério, as confissões religiosas unem-se sem se imporem e aproximam-se sem se desrespeitarem, aprendem juntas conservando cada uma a sua identidade, predisposta e receptiva, sempre em clima aberto de reforma (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 11-38).

Sabe-se que a necessidade do diálogo nasce entre as religiões justamente diante da diversidade de ofertas. Na perspectiva cristã, a plenitude única e definitiva da revelação é alcançada em Cristo, pois é Nele que a livre decisão divina de se comunicar plenamente encontrou a máxima recepção possível de sua revelação concreta e culminante na história. Essa culminação – que é humana – denota que não é monopólio de poder dos cristãos, mas que Ele é único e comum a todos à medida que em sua própria revelação histórica, Jesus Cristo assumiu plenamente a condição humana, exceto no pecado, mostrando sua inserção no respectivo contexto histórico, crescimento na fé, principalmente em sua relação com o Pai Deus, expresso especialmente na oração, realizada para pedir, para agradecer e para colocar-se totalmente à disposição desse Pai. Nesse sentido, a própria experiência de Jesus na cruz, em que sofreu e morreu, denota a sua inserção profunda na história, que serviu de espaço para que Ele experimentasse a própria ressurreição (TORRES QUEIRUGA, 1993, P. 110-113).

A teologia da revelação de Queiruga aponta que em uma honesta e humilde abertura ao outro, na seara do diálogo ou do encontro, não se abandona a própria oferta ou convicção de fé. A fé se torna mais ampla, mais crítica e mais acolhedora à medida que o diálogo e o encontro são desenvolvidos. Essa dinâmica possibilita reconhecer o Ressuscitado na dupla pertença à história e à Igreja, em função de que, mesmo indo ao Pai, o Ressuscitado possibilita gradativamente que os seres humanos O conheçam na história e na *communitas fidelium*, mantendo-se abertos à plenitude escatológica (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 449-457). Paradoxalmente, é também não pertença, porque o Ressuscitado não se deixa aprisionar pela Igreja e pelas formas históricas de revelação, o que implica que Ele há de ser reconhecido como destinado, com igualdade de direito a todas as outras pessoas. Nessa dinâmica, as religiões podem acolher ao Ressuscitado de algum modo histórico, mediante uma configuração própria e contínua da revelação, para que seja concebida desde a “maiêutica histórica”,

exigindo sempre um processo hermenêutico que remete o autor a desenvolver três categorias fundamentais que servirão para levar a cabo a sua proposta de pensar teologicamente as religiões à luz da autocompreensão cristã: universalismo assimétrico, teocentrismo jesuânico e a inreligiosa (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 358-370).

3.2 Categorias fundamentais

A primeira categoria fundamental para compreender a revelação de Deus nas religiões desenvolvidas por Torres Queiruga é denominada de “universalismo assimétrico” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 93). O autor justifica “universalismo” porque, em seu nascimento e desenvolvimento histórico, todas as religiões são, em si mesmas, caminhos reais de revelação e salvação. As religiões exprimem da parte de Deus sua presença universal e irrestrita, posto que, desde a criação do mundo, possui desígnio salvífico universal. É assimétrico à medida que existam as diferenças, por vezes discriminatórias, causadas pelos seres humanos, ainda que Deus possa estar na diferença ontológica e não faça acepção de pessoas, povos e religiões. A assimetria, porém, não deve ser concebida como absolutismo, mas como elemento que aponta para a compreensão de que todas as religiões se apresentam, em sua essência mais íntima, necessitadas de aperfeiçoamento. São como leques de tentativas exploratórias, partindo de instâncias distintas e por caminhos diversos, convergindo para o mesmo Mistério que as sustenta, atrai e supera. São fragmentos diferentes nos quais se irradia sua riqueza inesgotável. Por serem fragmentos, não devem ignorar-se umas às outras, mas somar os reflexos, enriquecer-se mutuamente com os diversos intercâmbios e ações de compaixão e solidariedade. Ressalta-se, então, que o caráter pleno da revelação deve ensinar os seres humanos, com suas respectivas religiões, a abandonar toda e qualquer pretensão de domínio ou conquista (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 93-102).

A segunda categoria é intitulada “teocentrismo jesuânico” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 102) e evidencia que, por um lado, há a imprescindibilidade de Jesus de Nazaré como pessoa histórica e, por outro lado, reconhece-se que, no fim das contas, o centro último de todas as coisas é Deus. Resulta, assim, a proposta dessa categoria como tentativa de juntar ambas as extremidades, pois ela “aponta melhor tanto para

o mistério do Pai, enquanto origem ultimamente fundante, quanto para a sua – em relação a nós – irrenunciável mediação no Evangelho de Jesus de Nazaré” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 118). Além disso, com relação às demais religiões, não prejudica, em princípio, seu direito de falar, se assim elas o creem, de um teocentrismo diferentemente qualificado (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 102-122).

A terceira categoria denomina-se “inreligiosa” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 167), que emerge na proposta do autor a partir de sua análise acerca da inculturação, que é uma categoria teológica que surgiu na teologia contemporânea para expressar a evangelização realizada a partir da cultura autóctone, sendo imprescindível um movimento antropológico de aculturação – aproximação entre as culturas – e enculturação – troca de elementos culturais – para que o evangelho se torne verdadeira boa notícia (GONÇALVES, 2017, p. 231-234). Nesse sentido, a teologia há de sentir a religião como espaço experiencial da relação viva dos seres humanos com Deus, não havendo a pressuposição de que uma religião seja absoluta e autorizada para rechaçar outras formas religiosas. No contato entre as religiões, o movimento espontâneo em relação aos elementos que chegam a uma religião proveniente de outra deve ser o de incorporá-los ao seu próprio organismo. Dessa forma, não desaparece, mas se afirma mediante uma transformação que pode torná-la mais crítica, mais rica e mais universal. É como no exemplo do enxerto de árvores em que tanto a árvore receptora quanto o galho enxertado se enriquecem mutuamente. Sendo assim, no enraizamento hermenêutico do encontro entre as religiões, entendemos que, quando se busca, com humildade e acolhida, o contato com o diferente na disponibilidade da partilha desarmada e sincera, muitas verdades que são comuns a todos se efetivarão na mútua ajuda (TORRES QUEIRUGA, 2007, p.167-188).

Todas as religiões têm aspectos e perspectivas intrínsecas, que se constituem em ferramentas que possibilitam a percepção do Transcendente. Por isso, elas são desafiadas a colocarem em comum as suas descobertas, em uma atitude de mútua ajuda e partilha. Desse modo, mantém-se viva a sensação do Mistério e a sua não monopolização, para que todas as religiões, com os seus respectivos adeptos, estejam orientadas para a coletividade. Nesse sentido, a inreligiosa consiste em que as religiões se encontrem, se apresentem umas às outras, partilhem os seus bens

religiosos e façam a experiência do mistério amoroso de Deus na dádiva, na fraternidade, no respeito mútuo, na corresponsabilidade pela edificação de valores denotativos da comunhão com Deus. É dentro do processo histórico do encontro e do diálogo que as religiões, em suas respectivas mediações culturais, captam a Deus em seu mistério amoroso. O maior respeito ao outro é lhe apresentar a própria posição da maneira mais sincera e clara possível. Dessa maneira, é possível esperar que também o interlocutor escute de verdade, sem pretender saber a priori. Quando o ser humano se der conta da percepção de Deus na sua essência, indubitavelmente estará garantida a partilha sincera da verdadeira imagem de Deus (TORRES QUEIRUGA, 2010 367-371).

A inreligiosa comporta um novo modo de lidar com a questão das religiões em sua realidade plural, transformando conceitos, condutas e sentimentos. Trata-se de um novo modo de aproximar-se do outro, no qual é oportuno ver não mais um concorrente, mas um companheiro de percurso vital, já que, diante do Mistério comum, acaba sendo privo de sentimento insistir no “teu” e no “meu”, já que, sendo idêntica a investigação e comum o Mistério, o meu é também teu, como o teu é igualmente meu e de todos.

3.3 Em que medida as religiões são verdadeiras?

O processo do encontro das religiões à luz da autocompreensão cristã conduziu Torres Queiruga a buscar responder sobre a questão da veracidade das religiões. Sua reflexão parte da afirmação de que Deus nos criou para sua glória ou a fim de que o servissemos, uma ideia que – pelo menos em sentido literal – resulta claramente contraditória com seu Ser. De fato, até no plano filosófico – Deus como plenitude absoluta – e naturalmente em uma concepção cristã – Deus como amor – é óbvio que, se Deus cria, pode ser somente para dar, para presentear. Na criação, bem entendida, o único interesse de Deus é a humanidade: tudo em todos os seres humanos. Por isso, a teologia atenta a esse dado fundamental deve repensar muito a fundo a ideia de revelação. Deve-se entender que, desde o início da criação, Deus, que cria por amor, procura manifestar-se no modo melhor e mais pleno possível a cada mulher e a cada homem, a toda raça e a toda cultura. A criação já é salvação, esforço amoroso de Deus para manifestar-se e salvar-nos. Os limites – que, por desgraça, são tão

certos, duros e evidentes – não derivam de sua falta de generosidade, mas de mostrar pequenez: como finitos, os seres não são capazes de compreender o infinito; mundanos, lhes é muito difícil captar de qualquer modo o Transcendente; finitamente livres, resistimos com frequência a acolher sua manifestação. Porém, algo Deus consegue obter na longa paciência de sua “luta amorosa” com os limites e as resistências da humanidade (TORRES QUEIRUGA, 1999, p. 77-123). Observando bem, isso explica a história das religiões que, em definitivo, consiste na lenta, difícil e tortuosa percepção humana do quanto Deus procura desde sempre se revelar. Toda religião é um modo de configurar em crença, rito e práxis essa percepção no próprio tempo e na própria cultura (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 371-376).

Conseqüentemente, e com o máximo rigor, é oportuno ter como princípio fundamental a veracidade de todas as religiões, pois equivale afirmar que toda religião é uma percepção da presença reveladora e salvadora de Deus, ainda que, de modo limitado, carente, obscuro e ambíguo. Coisa que vale para todas, incluída a bíblica na história real, e não só, como se poderia pensar, para as religiões mais “antiquadas” ou “primitivas”. Na realidade, o princípio deve então ser reformulado: “Todas as religiões são parcialmente verdadeiras”. (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 350-354).

A afirmação da veracidade das religiões se funda em três motivos. O primeiro é que em uma reflexão realista se compreende que, como sucede em tudo o que é humano, embora sendo todas verdadeiras, não o são na mesma medida: para eliminar toda dúvida, é suficiente um olhar à história das religiões ou à própria atualidade. Em segundo lugar, porque então fica evidente que, nenhuma sendo perfeita e concluída, todas têm algo que falta às outras e, por isso, em todas e em cada uma, há sempre algo que podem ensinar e algo que devem aprender. Em terceiro lugar, esse vir a ser do ensino-aprendizagem mostra algo decisivo: que o diálogo inter-religioso, quaisquer que sejam os participantes, pode e deve ser um processo real, que requer ao mesmo tempo abertura e humildade, disponibilidade para dar e receber, atitude crítica e receptividade autocrítica (TORRES QUEIRUGA, 1997, p. 64-67).

Resulta, assim, que é necessário reconhecer a nova situação e aceitar as condutas que ela comporta, assumindo uma disposição exigente a não resistir à mudança e ao abrir-se à renovação. Em termos religiosos, implica uma ‘*metanoia*’, isto é, uma “mudança de mente”, uma conversão, que jamais acontece sem inevitáveis renúncias.

Quando bem conduzida, é também sempre plena de promessas. Isto envolve, como é lógico, todas as religiões, mas que, por realismo e modéstia, devemos concentrar sobre o cristianismo (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 78-92). No seu interior, há dois pontos que devem ser lembrados: o bibliocentrismo e a culminação em Cristo.

Ao considerar que todas as religiões são – na própria, mas real medida – reveladas, resulta evidentemente impensável que a Bíblia seja um livro absolutamente único, pelo que somente nele seja adequado falar de revelação divina. Reconhecê-lo implica situá-la no *continuum* dos diversos livros e das diversas tradições sagradas da humanidade, o que, de saída, não lhe concede nenhum privilégio, mas tem a grande vantagem de tornar possível o diálogo crítico real com todas. Desse modo, sem perigo de imposição de algum tipo, a tradição bíblica pode patentear a própria profundidade e riqueza, oferecendo-a às outras religiões, enquanto se deixa interrogar e, por sua vez, enriquecer por elas. Porque então, no interior desse diálogo e agora a *posteriori*, haverá espaço para estabelecer comparações e tornar evidentes os motivos pelos quais os cristãos creem que na Bíblia se tenha conectado uma revelação que, em seu todo, resulta ser a mais completa e se reveste de um caráter último e definitivo (TORRES QUEIRUGA, 1997, p. 62-70).

O segundo ponto refere-se ao significado que os cristãos atribuem ao culminar da revelação em Cristo, sem contradizer o desígnio salvífico universal de Deus. De súbito, é oportuno reconhecer, dessa forma, que não se pode tratar de uma negação que exclua os outros, mas de uma afirmação cordial e entusiasta da própria vivência, tão típica da linguagem do amor, pela qual ser o outro único a ser amado. Então, não pode jamais indicar uma concepção intransigente do tudo ou nada, na consciência de que a conclusão não se pode proclamar *a priori*, nem, muito menos, impor com a força, mas deve ser fruto de análise crítica e discussão dialogante. Isso acontece quando acontece de fato: quem escolhe pertencer a uma religião está manifestando, com consciência mais ou menos explícita e rigorosa, que em seu conjunto a considera melhor, mais completa e convincente do que outras. O que sucede também em religiões que, como o hinduísmo e o budismo, parecem proclamar a igualdade de todas. Perigosa não é a escolha, mas o dogmatismo e o exclusivismo. Além disso, como foi indicado no início, um comportamento aberto e humilde diante do Mistério não procura apropriar-se de nada, mas compartilhar tudo, vendo em toda diferença

não uma ameaça, mas uma promessa de progresso e complementação (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 161-167).

A mudança que tudo isso pressupõe faz com que as categorias até agora usadas para enfrentar o problema resultem sendo hoje insuficientes. Algumas de modo tão claro de modo a exigirem simplesmente uma recusa. Outras, mostrando-se úteis, solicitam ser profundamente reformuladas. Às primeiras, pertence – sem dúvida – o exclusivismo, o qual pressupunha – literalmente – que todas as pessoas colocadas fora da órbita cristã fossem destinadas à condenação eterna. É o famoso: “*Extra Ecclesia nulla salus*”. Formulado no contexto da relação entre católicos e protestantes e que pode possuir uma interpretação soteriológica (SULLIVAN, 1992, p. 3-13) que lhe propicia uma nova compreensão, bem mais larga, a ponto de se afirmar “*extra mundus nulla salus*” (SCHILEBEECKX, 1989, p. 21). Compreende-se que, diante da teoria que propicia o exclusivismo, tenha nascido o inclusivismo, que constituiu um grande progresso. Seu fundamento cordial radica no reconhecimento que salvação e bondade não são exclusivas dos cristãos, mas também estão onde alguém, a partir da própria religião, responde ao profundo apelo de Deus. O próprio evangelho de Jesus Cristo afirma que entrará no reino dos céus quem fizer a vontade do Pai Deus ou, ainda, na parábola do juízo final, mostra que quem conhece a Deus é a pessoa que pratica o amor real. Nessa linha, movia-se a teoria patrística dos ‘*logos spermatikos*’, que, na verdade dos filósofos, via as “sementes de verdade” que não eram anuladas, mas, ao contrário, chegavam à sua plenitude na revelação de Jesus (TORRES QUEIRUGA, 2010, p. 386-396).

Nessa esteira, insere-se a categoria rahneriana “cristianismo anônimo” (RAHNER, 1975, p. 677-697), em que se afirmava que, mesmo não havendo fé cristã explícita, as religiões poderiam ser espaços da bondade e do amor de Deus, algo que apareceu também no Concílio Vaticano II, ao afirmar que as religiões têm elementos de verdade da própria revelação divina. Não obstante que Torres Queiruga tenha assumido a pertinência dessa visão rahneriana, não esconde seus limites em dois aspectos. No primeiro, mostra a possibilidade de falta de realismo histórico ao se pretender que a “graça cristã” opere em todas as religiões. O segundo é que a pretensão que “toda a verdade” das outras religiões já esteja incluída no cristianismo torna impossível um diálogo realista, que não se reduza a mera estratégia retórica. Não é possível pensar

que todas as religiões, pelo fato de serem verdadeiras e conduzirem a Deus, devam passar pela fé cristã, já que a história mostra que Deus, conforme as circunstâncias e as possibilidades, seguiu e segue vias específicas com cada religião.

A alternativa ao inclusivismo é representada pelo pluralismo (HICK, 2005, p. 33-55), que uma categoria que propicia reconhecer algo fundamental e indiscutível: o fato de que a resposta a Deus sempre é dada na própria época e na própria cultura. Por isso, dizíamos que todas as religiões são verdadeiras e, devido a isso, não pode espantar que essa posição, pela superação do etnocentrismo e por seu espírito de respeito e tolerância, suscite hoje uma espontânea simpatia. No entanto, se antes havia a menção acerca da falta de realismo histórico, agora é preciso falar também de falta de realismo antropológico. Se da parte de Deus o universalismo é total e absoluto, sem favoritismos, “escolhas” ou “preferência de pessoas”, da parte humana as respostas não são jamais iguais nem simétricas. Disso deriva o fato de que, até no próprio âmbito cultural, existam religiões diversas e até mesmo contraditórias em aspectos importantes (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 68-78).

E, como ainda mais decisivo: em toda religião há sempre uma insatisfação, uma necessidade de mudança e purificação que se manifesta em movimentos proféticos e de renovação, quando não em conflitos e rupturas. O fato de que os mais radicais defensores do universalismo devam distinguir entre “grandes” e “pequenas” religiões indica de modo irreversível que existem critérios de discriminação para distinguir a maior ou menor profundidade, completude ou pureza; caso contrário, o mero número de adeptos tornar-se-ia critério de verdade. Resulta relevante e pertinente o sonho do encontro em que as religiões são como “sinfonia diferida” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 198), em que se “outorga aos fragmentos expressar a sua originalidade e sua riqueza” (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 199). Essa apresentação do fragmento não se faz sem o todo, em que habita Deus, em que de diversas formas se revela, mas que encontra no cristianismo uma culminação, que não soa como arrogância e soberba, mas como canal para explicitar a beleza da revelação nas religiões, para que se continue a buscar sempre com maior vigor e ternura o *novum* de Deus (TORRES QUEIRUGA, 2007, p. 193-200).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste artigo, impõe-se a necessidade de rememorar os passos desenvolvidos e apresentar algumas perspectivas. Objetivou-se apresentar teologicamente a compreensão das religiões a partir do que Torres Queiruga denominou de autocompreensão cristã, dado que só é possível teologizar desde uma situação hermenêutica. Nesse caso, o teólogo fala a partir do lugar do cristianismo e de sua concepção de revelação de Deus a partir da categoria “maiêutica histórica”, pela qual uma hermenêutica histórica se apresenta para compreender a relação de Deus com os seres humanos, especificamente nas religiões. Para atingir esse objetivo, realizou-se um corte epistemológico em teólogos católicos, expondo a teologia das religiões nas vertentes de Paul, Knitter, Jacques Dupuis e Claude Geffré, autores que tornaram pertinente e relevante a teologia das religiões na esteira ampla do pluralismo teológico contemporâneo. A partir dessa exposição, em que se mostrou um quadro de reflexão teológica sobre as religiões, é que se tornou possível expor a teologia de Torres Queiruga para pensar as religiões ou propriamente o encontro entre as religiões.

Esse percurso trouxe à tona elementos conclusivos que apontam perspectivas pertinentes e relevantes à teologia. O primeiro é que o pluralismo religioso é um acontecimento histórico que, quando pensado teologicamente no cristianismo, especialmente pela apropriação da antropologia fundamental e da hermenêutica por parte da teologia contemporânea, conduz a não absolutizar nenhuma religião, nem mesmo o cristianismo, ainda que se afirme a revelação plena, definitiva, completa e perfeita de Deus em Jesus Cristo. A absolutização de uma religião histórica conduz ao proselitismo, ao exclusivismo soteriológico e impede o diálogo inter-religioso e o encontro amoroso entre as religiões.

O segundo elemento é que a teologia das religiões é uma forma de fazer teologia que se desdobra em outras formas, assumida já no interior de teólogos católicos, que se esforçam por realizar uma nova hermenêutica bíblica, dogmática e tradicional para apontar a veracidade das religiões e sua inserção na soteriologia cristã, uma vez que é da situação hermenêutica da teologia cristã que se produz teologia.

O terceiro elemento é que, nesse clima de pensar teologicamente as religiões, Andrés Torres Queiruga se manifesta desde a autocompreensão cristã, para não incidir no absolutismo nem no exclusivismo e para pensar as religiões a partir do diálogo, compreendido como um processo comunicativo, mas sobretudo desde o encontro das religiões. Desse modo, o teólogo espanhol criou a categoria “inreligiosa”, subsidiada pelo “universalismo assimétrico” e pelo teocentrismo jesuânico”, em que a universalidade salvífica se realiza na historicidade real e concreta da vida humana. Mediante a inreligiosa, as religiões se encontram sem que percam a sua respectiva singularidade, enriquecem-se mutuamente pelo intercâmbio e apontam para um *novum*, que possui as marcas da superação do fundamentalismo, do dogmatismo e do sectarismo, e para a apresentação da “sinfonia diferida” e fraternidade universal da humanidade.

REFERÊNCIAS

- CONCÍLIO VATICANO II, *Declaratio de Ecclesiae habitudine ad religiones non-christianas Nostra Aetate*, in *Actas Apostolicae Sedis*, v. 58, 1966, p. 740-744.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Declaratio de libertate religiosa Dignitatis Humanae*, in *Actas Apostolicae Sedis*, v. 58, 1966, p. 929-941.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Decretum de activitates missionali Ecclesiae Ad Gentes*, in *Actas Apostolicae Sedis*, v. 58, 1966, p. 947-990.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Decretum de Oecumenismo Unitatis Redintegratio*, in *Actas Apostolicae Sedis*, v. 57, 1965, p. 90-107.
- CONGREGAZIONE PER LA DOTTRINA DELLA FEDE. *Dominus Iesus*. Dichiarazione circa l'unicità e l'universalità salvifica di Gesù Cristo e della Chiesa. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2000.
- DUPUIS, J. *Jesus Cristo encontro alle religioni*, Assisi: Cittadella Editrice, 1989.
- DUPUIS, J. *Il cristianesimo e le religioni*. Dallo scontro All'incontro. Brescia: Queriniana, 2001.
- DUPUIS, J. *Verso una teologia Cristiana del pluralismo religioso*. Brescia: Queriniana, 1997.
- GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*. A virada hermenêutica da teologia. Tradução de Lúci M.; Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GEFFRÉ, C. *De Babel a Pentecostes*. Ensaios de uma teologia inter-religiosa. Tradução de Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.
- GEFFRÉ, C. *Le christianisme au risque de l'interprétation*. Paris: Cerf, 1983.
- GIBELLINI, R. Paixão pelo Reino. Percursos da teologia do século XX, in GIBELLINI, R. (org.) *Perspectivas Teológicas para o século XXI*. Aparecida: Santuário, 1999, p. 5-24.
- GONÇALVES, P.S.L. Uma proposta de epistemologia da Teologia para a área de Ciências da Religião e Teologia, in OLIVEIRA, J.; FALEBRETTI, E. (orgs.). *O futuro das*

Humanidades. Ciências Humanas: desafio e perspectivas. Caxias do Sul: EDUCS, 2019, p. 219-230.

GONÇALVES, P.S.L. *Questões contemporâneas de teologia*. São Paulo: Paulus, 2010.

GONÇALVES, P.S.L. Zum Umgang mit den Modellen von Inkulturation, in KRÄMER, K.; VELGUTJH, K. (orgs.). *Inkulturation*. Gottes gegenwart in den Kulturen. Freiburg – Basel – Wien: herder, 2017, p. 221-243.

GONÇALVES, P.S.L.; FAVRETTO, A. Questões sobre Liberdade Religiosa a partir da Declaração conciliar Dignitas Humanae, in *Parallellus*, Recife, v.9, n. 20, jan./abr. 2018, p. 121-142.

HICK, J. *Teologia cristã e pluralismo religioso*. O arco-íris das religiões. Tradução de Luís Henrique Dreher. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

KNITTER, P. *Introdução às Teologias das Religiões*. Tradução de Luiz Fernando Gonçalves Pereira. São Paulo: Paulinas, 2008.

KNITTER, P. *No OtherName?*. A Critical Survey of Christian Attitudes toward World Religions. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1985.

KNITTER, P. *One Earth Many Religions*. Multifaith dialogue and Global Responsibility. Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1995.

KNITTER, P.; HICK, J. *The Myth of Christian Uniqueness*. Toward a Pluralistic Theology of Religions. Maryknoll, NY.: Orbis Books, 1987.

NOBRE, J.A. Ecumenismo e o diálogo das religiões na perspectiva de Andrés Torres Queiruga. In: *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 53, mai./ago. 2016, p. 339-354.

RAHNER, K. *Nuovi Saggi V*. Roma: Edizioni Paoline, 1975.

RICOEUR, P. *Autrement*. Lecture d'Autrement qu'être ou au-delà de l'essence d'Emmanuel Levinas. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

SCHILLEBEECKX, E. *História Humana. Revelação de Deus*. Tradução de José Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.

SULLIVAN, F. A. *Salvation outside the Church?*. Tracing the History of the Catholic Response. London: Geoffrey Chapman, 1992.

TEIXEIRA, F. A teologia do pluralismo religioso em questão, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 59, n. 235, set./dez. 1999, p. 591-617.

TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Paulo – São Leopoldo: Paulinas – Sinodal, 1984.

TORRES QUEIRUGA, A. *Autocompreensão cristã*. Diálogo das religiões. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2007.

TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno. Desafios para um novo horizonte*. Tradução de Afonso M.L. Soares. São Paulo: Paulus, 2003.

TORRES QUEIRUGA, A. *O diálogo das religiões*. Tradução de Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 1992.

TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a Criação*. Por uma religião humanizadora. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1999.

TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a Revelação*. A revelação divina na realização humana. Tradução de Afonso M.L. Soares. São Paulo: Paulinas, 2010.